

GRAFISMO INFANTIL: LEITURA E DESENVOLVIMENTO

Célia Ceschin Silva Pereira

UNIVILLE - Curso de Artes Visuais

Maryahn Koehler Silva

UNIVILLE - Curso de Psicologia

Resumo: Este trabalho tem como objetivo identificar nos desenhos, elaborados por crianças de dois a cinco anos de idade, características comuns, visando associá-los com o discurso de autores que já aprofundaram o assunto na área de arte gráfica. Após o estudo teórico, foi feita a classificação do material gráfico por faixa etária para verificar pontos comuns existentes nos mesmos. As categorias observadas têm como elementos visuais: cor, linha, textura, planos, pontos; e as temáticas como: figura humana, moradias, árvores; juntamente a símbolos, ícones, signos, sinais e percepção espacial. Os símbolos representam o mundo a partir das relações que a criança estabelece com as pessoas que fazem parte do seu contexto social, cultural e consigo mesma. Através dos signos externalizados, por meio da linguagem gráfica e verbal, tem-se a possibilidade de compreender a evolução da arte gráfica e o que eles representam para a criança. Com o resultado deste trabalho obteve-se a possibilidade de elencar conceitos de diferentes autores sobre o tema proposto, assim como verificar a similaridade existente entre as crianças no que diz respeito ao desenvolvimento gráfico. Constatou-se também que as diferenças pessoais estão presentes uma vez que o desenho registra os pensamentos da criança e o educador deve estar muito atento às produções de seus alunos para acompanhar o ritmo pessoal e cada faixa etária.

Palavras-chave: Grafismo infantil, Leitura, Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

O estudo do grafismo infantil não é, simplesmente, uma atividade descomprometida, antes ela envolve o desenvolvimento físico e psicológico da criança. Através dos desenhos elaborados por ela, podem ser observados seus movimentos corporais, a coordenação do seu desenvolvimento visual e sua percepção do meio ambiente.

Neste texto apresenta-se uma investigação que se compõe de dois momentos: o primeiro de cunho bibliográfico e o segundo comparativo entre as falas dos diversos autores com os desenhos elaborados por crianças entre dois e cinco anos de idade. As categorias observadas foram os elementos visuais: cor, linha, textura, planos, pontos, e as temáticas como: figura humana, moradia, árvores; juntamente a símbolos, signos, sinais e percepção espacial.

O material gráfico foi coletado no Colégio da Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, no contexto da Educação Infantil. Foram coletadas 90 produções, durante o ano de 2006, abrangendo alunos do Maternal, Jardim I e Jardim II. Dez trabalhos gráficos de três crianças de cada faixa etária foram escolhidos aleatoriamente. Diferentes teóricos, que desenvolveram pesquisas referentes ao assunto abordado, foram estudados com o fito de se obter sustentação teórica para a análise e interpretação dos dados coletados.

GRAFISMO INFANTIL: ABORDAGEM TEÓRICA

Rabiscar, desenhar e escrever são expressões construídas pelo ser humano. Por meio delas, um sujeito estabelece sua relação com o grupo do qual faz parte. Enfim, através de movimentos gráficos, o homem materializa um ato, tanto objetivo, quanto subjetivo.

Por meio do desenho, a criança representa o seu universo interno, desempenha personagens e inventa regras, mantendo uma relação de propriedade com os seus desenhos. Segundo Derdyk:

Seus rabiscos provêm de uma intensa atividade do imaginário. O corpo inteiro está presente na ação, concentrado na pontinha do lápis. Esta funciona como ponte de comunicação entre o corpo e o papel. (DERDYK, 1989, p. 63).

O autor salienta que os traços colocados no papel escondem uma realidade psíquica não acessível de forma imediata, mas denota a atividade inconsciente presente. Acrescenta, também, que além da vontade da representação, existe a necessidade de trazer à tona desejos internos, impulsos, emoções e sentimentos.

Bédard (1998) enfatiza que, para se interpretar um desenho, deve-se levar em consideração o simbolismo e as mensagens que estão postas no mesmo e não a sua perfeição estética.

Ainda de acordo com Bédard:

[...] o desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de maneira mais importante, faz referência ao inconsciente. Não devemos esquecer-nos de que o que nos interessa é o simbolismo e as mensagens que o desenho transmite-nos, não a sua perfeição estética. (BÈDARD, 1998, p. 6).

A referida autora afirma que a criança tem necessidade de se expressar e utiliza o desenho como forma de comunicação. Ela se realiza quando, por meio de seus traços, rabiscos e garatujas, expressa seu imaginário infantil e complementa que “[...] a criança projeta no desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel”. (DERDYK, 1989, p. 51).

Para compreender melhor a expressão da criança, através dos desenhos, é necessário saber que esta, ao entrar em contato com materiais específicos, desenvolve a habilidade física, social, intelectual e afetivo-emocional. Este desenvolvimento ocorre de maneiras diversas. Elas, ao verem alguém utilizando materiais como lápis, tinta, papel, entre outros, poderão tentar repetir o movimento que o outro está fazendo ou então poderão ter alguém que as oriente na utilização dos mesmos.

Lowenfeld (1977, p. 96) destaca que a criança aprende a imitar os traços que viu alguém fazendo e, para ajudá-la a aumentar a confiança nas suas possibilidades, os pais e professores devem incentivar esse ato, objetivando o aumento de sua autoconfiança. Silva, Pillotto e Mognol (2004, p. 196) escrevem que “[...] os símbolos representam o mundo a partir das relações que a criança estabelece com as pessoas que fazem parte do seu contexto social, cultural e consigo mesma”.

Outro ponto que merece destaque é o consenso entre vários autores ao mencionarem o material colocado à disposição da criança para que esta possa se manifestar por meio de suas criações, e que este seja pertinente à idade da mesma. Ferreira (2005, p.33) destaca que a criança deve ser incentivada através da liberdade de criação, o material deve ser adequado e o espaço a ser utilizado deve ser compatível com as suas necessidades motoras. A referida autora faz menção à fase na qual a criança ensaia os seus rabiscos, alertando que, caso ela rasgue, fure ou amasse os papéis, não deverá ser repreendida, uma vez que esta descarga de energia é natural e o ato de repreender poderá intervir na sua evolução natural.

Novaes (1975) considera que todas as crianças são únicas nas suas formas de percepção, nas suas experiências de vida e nas suas fantasias. A variação do potencial criador irá depender das possibilidades que lhe são oferecidas para poderem se expressar e do estímulo oferecido pelo contexto. Destaca que todo ser humano é capaz de criar, basta dar-lhe oportunidades para que isto aconteça. A liberdade de ação no que concerne à busca da expressão através do desenho favorece os processos de criação do ser humano.

A capacidade simbólica potencializa a capacidade da criança de criar. A internalização de símbolos permite-lhe a transposição de uma situação a outra, de um objeto a outro, permite-lhe imaginar em uma situação diferente da qual se encontra para resolver algum problema.

Crianças entre dois e quatro anos devem usar materiais adequados a sua faixa etária, tornando-se confortáveis ao seu manuseio. Como exemplo, Lowenfeld e Brittain (1977) cita papel, giz de cera, caneta hidrográfica, entre outros materiais, como sendo compatíveis às crianças dessa idade. Acima de quatro anos é indicado usar folhas coloridas, lápis-de-cor com a ponta mais grossa, canetas hidrográficas e no trabalho tridimensional oferecer argila e massa de modelar. Esses materiais podem contribuir no desenvolvimento das habilidades perceptivas.

Para o profissional que trabalha com a criança na função de educador será necessário conhecer cada etapa do desenvolvimento gráfico-infantil, para ajudá-la a superar fases desafiadoras e estimulantes. Essas etapas do grafismo infantil terão como base os períodos que caracterizam o desenvolvimento psicográfico da criança.

Pode-se dizer que a fase da garatuja vai dos dois aos quatro anos, quando as crianças passam de rabiscos aos traços mais controlados. A seguinte etapa é denominada “O Estágio Pré-Esquemático” e vai dos quatro aos sete anos, nesta fase a criança desenha homem com cabeça e pés e também objetos com os quais teve contato (LOWENFELD; BRITAIN, 1977).

Greig (2004) relata que, por volta dos dois anos, observa-se maturação nos rabiscos, havendo uma distribuição equilibrada entre eles, o que denota segurança e afirmação nos desenhos: “A evolução harmônica passa, portanto, pelos rabiscos de base aos dois anos, com um relativo equilíbrio do círculo e do vaivém que, de resto é o caso mais frequente”. (GREIG, 2004, p. 24).

Quando a criança escolhe uma determinada cor para expressar uma imagem, muitas vezes não é exatamente a cor do objeto verdadeiro, tornando-se necessário o questionamento por parte do educador para que este possa compreender o significado atribuído às garatujas. O trabalho com cores é encarado como uma atividade divertida, porém é mais importante que a criança desenvolva formas e linhas do que estabeleça relações pictóricas com o meio circundante.

Outro ponto salientado por Greig (2004) reside nos aspectos perceptíveis da passagem das garatujas às figuras-girino. O referido autor descreve dois rabiscos de base denominados de movimento circulatório e movimento de vaivém, característicos por volta dos dois anos de idade, período das garatujas. A figura-girino, por sua vez, apresenta aspectos irradiantes de seus membros, continentes de seu rosto e nele se reconhecem seus dois olhos, uma vez que é a combinação mental desses três elementos que marcam a entrada na figuração.

A fase pré-esquemática, de quatro a sete anos, caracteriza-se pelo fato de a criança conseguir dar forma a seus desenhos, criando modelos que têm a ver com o mundo a sua volta. Trata-se, agora, do início da compreensão gráfica; os traços das garatujas perdem, continuamente, suas relações com os movimentos corporais e passam a ser controlados, relacionando-se com objetos visuais (LOWENFELD; BRITAIN, 1977).

Greig (2004, p. 47), ao referir-se a essa faixa etária, relata que “[...] por volta dos quatro anos, o domínio recém-adquirido do quadrado é aplicado usualmente a casa e, de forma cada vez mais clara os pequenos círculos ou as pequenas cruces ocupam seu papel de porta e janela”. Nesta segunda etapa, existe uma importância real dos pais e dos professores, pois estes

podem acompanhar o progresso evolutivo nos desenhos da criança, compreendendo o que é importante na vida dela e como organizou suas relações com o meio em que vive. Nessa idade, os desenhos formam um conjunto de linhas, a princípio indefinidas, mas aos poucos passam a ser reconhecidas pelo grupo do qual a criança faz parte.

Greig (2004, p. 63) acrescenta: “[...] para fixar as referências cronológicas, se 3 anos e meio é a idade que marca o acesso à figura-girino, sua verticalização opera-se aos 4 anos, e aos 4 anos e meio anuncia-se a passagem à personagem como cabeça e corpo”. Ferreira (2005) afirma que esse período é a descoberta da relação entre desenho, pensamento e realidade. Nesta fase, as garatujas se tornam reconhecíveis e possuem um significado definido. A criança faz a representação do seu mundo, o qual é concebido por meio de linhas, curvas, pontos, formas ovais que, por sua vez, podem ser representações simbólicas, sugerindo a figura humana e os objetos.

O desenho para a criança é o momento onde se concretizam pensamentos e desenvolvem-se relações com o seu meio ambiente. Entender o conceito de arte e as suas relações com a realidade ajuda-nos a compreender o processo mental infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo contribuiu significativamente para compreender a criança como um ser sensível e que, por meio das representações gráficas, externaliza aquilo que faz parte da sua vida, seja real ou imaginário.

Por meio da contribuição dos diversos autores que serviram de guias para sustentar a pesquisa e dos trabalhos gráficos criados pelas crianças, pôde-se perceber grande relevância no que concerne à descrição das características pertinentes às faixas etárias e que cada ser humano é único, dotado de especificidades que o fazem igual e diferente ao mesmo tempo. Neste caso, o espaço escolar foi o palco da efetivação dos desenhos e, neste contexto, as crianças puderam, pelas suas produções, externalizar os seus desejos, assim como os fatos reais ocorridos na sua vida, colocando-os concretamente no papel.

Cada criança, dentro da sua faixa etária e das suas vivências como construtor e criador, manifesta características próprias. Os desenhos coletados foram elaborados a partir das mais diversas atividades, entre elas: histórias contadas pelas educadoras, desenhos livres, releitura de obra de arte, representação de alguma atividade dentro ou fora da escola que lhe fora prazerosa. Os resultados obtidos são representações com características semelhantes à sua idade, embora estas não sejam iguais, prevalece a expressão particular de cada um em todos os momentos.

E como afirma Derdyk:

O mundo para criança é continuamente reinventado. Ela constrói suas hipóteses e desenvolve a sua capacidade intelectual e projetiva, principalmente quando existem possibilidades e condições físicas, emocionais e intelectuais para elaborar estas “teorias” sob forma de atividades expressivas. (DERDYK, 1989, p. 54).

Este estudo contribuiu também para a leitura e interpretação do registro gráfico infantil, auxiliando profissionais da área de Arte, Educação e Psicologia, entre outras áreas afins, a partir do olhar da criança no ambiente que a cerca. Em síntese, concluiu-se que o desenho da criança registra seus pensamentos e o educador deve estar muito atento às produções de seus alunos para acompanhar cada ritmo pessoal e cada fase. Estimular com novos materiais e novas atividades resultará em avanços singulares no que diz respeito à apropriação e à colaboração do sistema de representação dos desenhos.

REFERÊNCIAS



- BÈDARD, Nicole. **Como interpretar os desenhos das crianças**. 2. ed. São Paulo: Ed. ISIS, 1988.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.
- FERREIRA, Aurora. **A criança e a arte o dia-a-dia na sala de aula**. Rio de Janeiro: Walk, 2005.
- GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**: Um guia para os pais. 2. ed. Tradução Miguel Maillet. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da criatividade**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- SILVA M. K., PILLOTTO S. S. D.; MOGNOL L. T. A leitura do texto não-verbal na produção gráfica infantil. In: ORMEZZANO, G. (Org) **Questões de Artes Visuais**. Passo Fundo: UFF, 2004.